

dispositivos para um mundo (im)possível  
curadoria luisa duarte

roesler hotel #25

galeria

nara roesler



## dispositivos para um mundo (im)possível

curadoria de/curated by **luisa duarte**

texto em colaboração com gabriel bogossian

*"Nada se edifica sobre a pedra, tudo sobre a areia; porém, nosso dever é edificar como se fosse pedra a areia..."*

Jorge Luis Borges

Em novembro de 1989, mês da queda do muro de Berlim, Leonilson produziu uma série de desenhos em que se lia "Leo can't change the world". A frase, traduzida pelo próprio artista em outros trabalhos, dizia em português "Leo não consegue mudar o mundo". Entre "conseguir" e "poder", outra versão possível para "can't", a frase acusa uma impotência artística – e também política – fundamental.

A despeito de seu enunciado pessimista, contudo, o próprio gesto criativo do artista põe em questão o peso da consciência do fracasso, uma vez que a permanência da ação artística indica que ainda há algo por fazer.

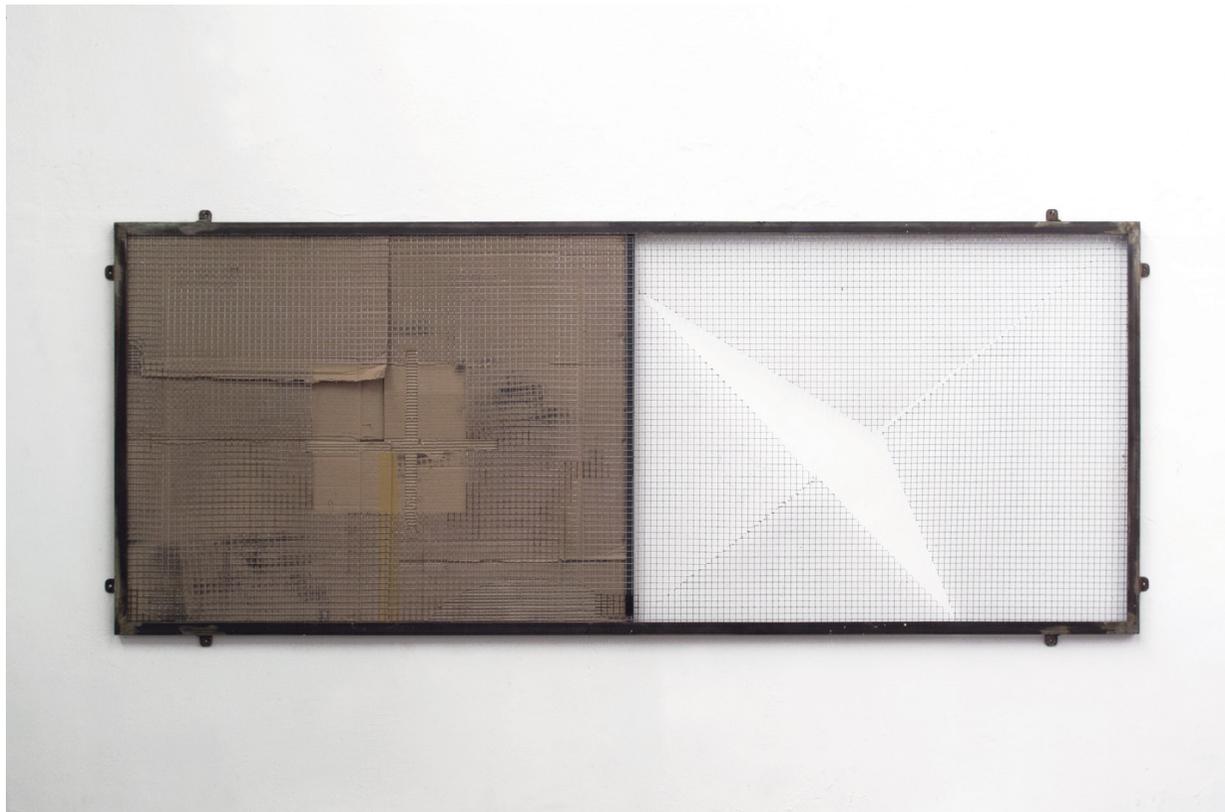
As obras reunidas nesta exposição dialogam, de maneiras diversas, com este cenário intermediário. Certas tradições intelectuais e culturais do país são abordadas de maneira crítica. O *grid* modernista é posto em xeque, assim como as práticas sociais que são suas consequências. Brasília, seu maior representante em termos urbanísticos, nos é mostrada em momentos banais, nos quais o trabalho sustenta parcamente o simbolismo que o espaço físico emana.

De modo análogo, as vitórias de nossos projetos culturais e políticos são apresentadas aqui como a ruína a que estão destinadas todas as vitórias e todos os heroísmos; nossos degraus se desfazem na mesma medida em que avançamos – as pedras tornam-se areia, e novamente pedras. O pódio é para ninguém.

A obra mais antiga da exposição, de Antonio Dias, traz uma síntese desta nossa condição. O principal ícone nacional – a bandeira – aparece como farrapo,



antonio dias -- o caminho do meio, 1982 -- técnica mista sobre papel/mixed media on paper-- 29 x 50,5 cm



andré komatsu -- pré-moldado 11, 2014 -- ferro, aço galvanizado, verniz e papelão/iron, galvanized steel, varnish and cardboard -- 106 x 255 x 3 cm

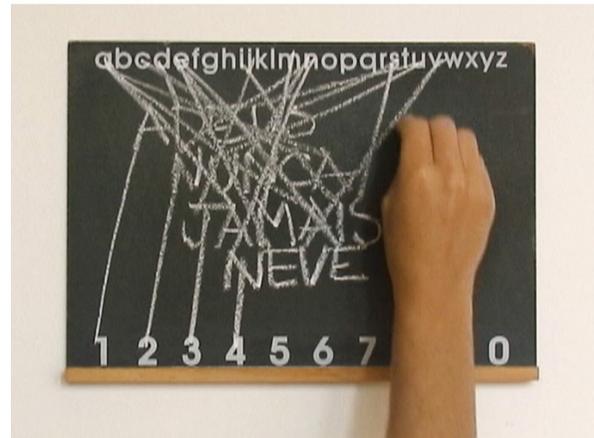
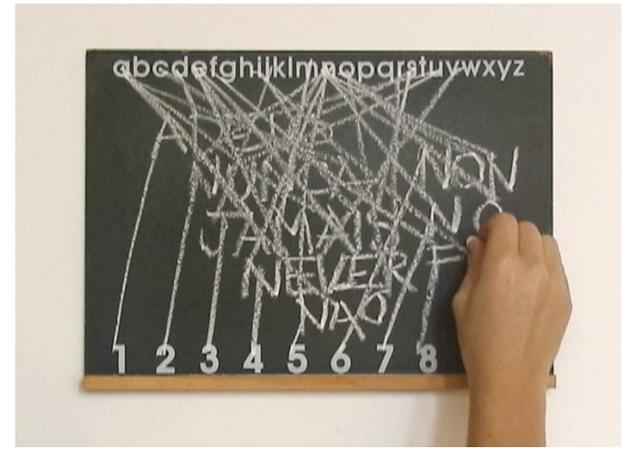


marcius galan -- mata, 2007 -- pés de mesa e cadeiras de madeira e carpete/wooden table and chair legs and carpet -- 45 x 350 x 250 cm

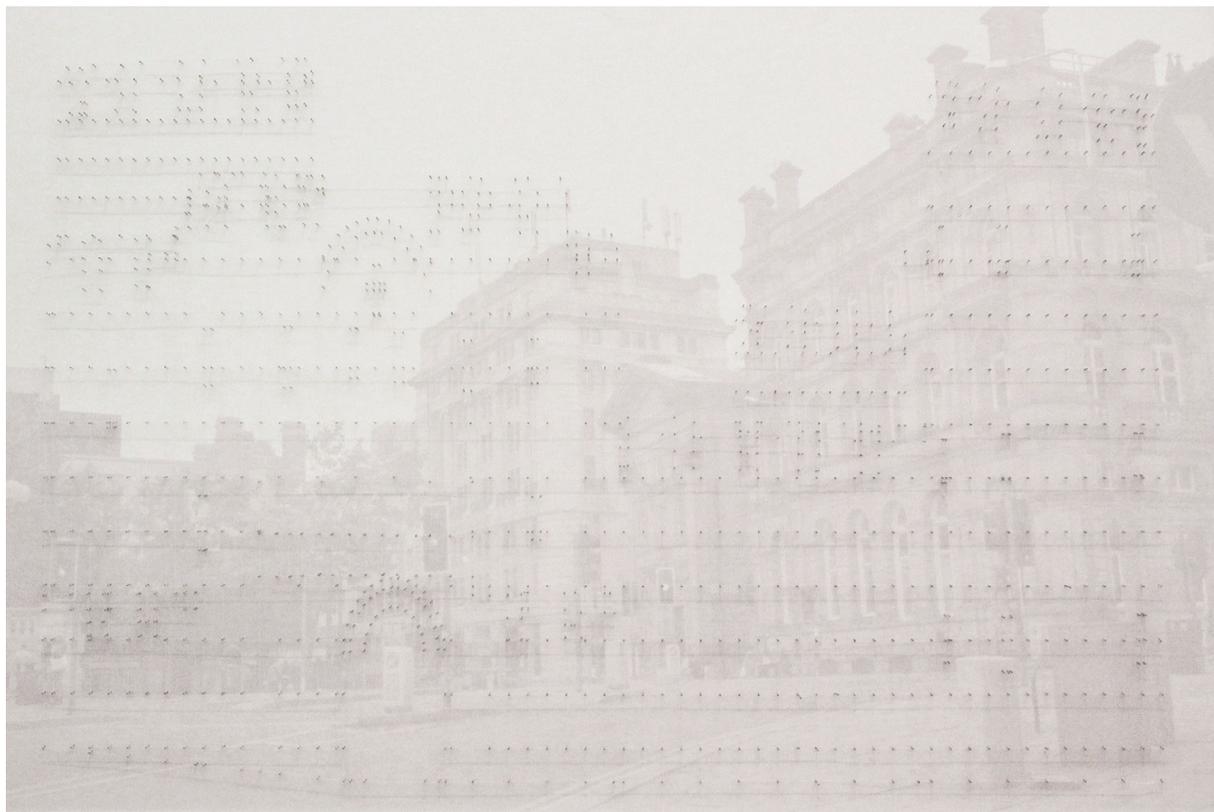


**nicolás robbio** -- sem título/  
untitled, 2011 -- pedra, areia,  
metal, madeira, ferro e mdf/  
stone, sand, metal, wood,  
iron and mdf -- 103 x 50 cm

private collection courtesy  
of Austin/Desmond Fine Art,  
London.



**marilá dardot** -- prefiro sim, 2005 -- vídeo/video-- 2'20"



carlos garaicoa -- **Overlapping (castle)** 2006 -- impressão lambda em P&B, jacaré, pinos e fios/lambda print in B & W, pins and wires -- 120 x 180 cm



jorge macchi -- **marienbad**, 2012 -- c-print -- 155 x 200 cm

um arremedo de suas cores e formas originais; entre a potência da bandeira nacional e sua recusa, uma bandeira gasta, em um suporte frágil, nos representa e sustenta.

E nossos gramados trazem somente tocos. O que seriam cadeiras e uma mesa de uma sala de jantar tornam-se índices de uma natureza perdida. Sobre o verde da bandeira – novamente ela – o ouro e o céu são vestígios de um espaço doméstico menor, como um jardim desfeito.

•  
Giorgio Agamben afirmou uma vez que sua missão era ampliar e aprofundar a obra de Michel Foucault. A ideia de dispositivo, elaborada por Foucault em diferentes textos, é retomada por Agamben como “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”. Assim, seriam dispositivos as fábricas, as escolas, mas também canetas e celulares, e mesmo a própria linguagem. Os dispositivos ordenariam então a vida, desde seus menores elementos, dando-lhe forma, limite, constância.

Algumas obras expostas tratam explicitamente do conflito entre esses modos de ordenação. Observando criticamente o funcionamento dos dispositivos, ou mesmo criando dispositivos fictícios, mostram um contraste violento entre ordem e caos, entre ambição construtiva (ordenadora) e dissolução.

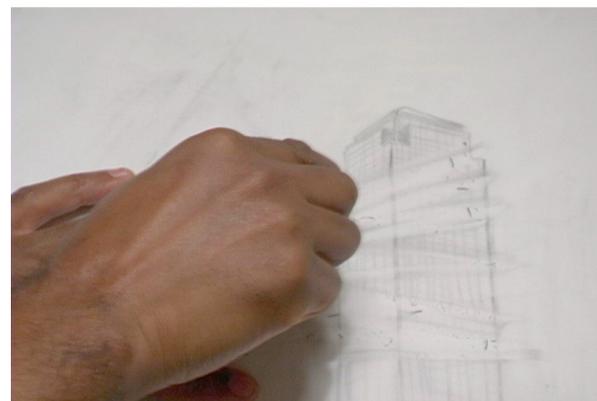
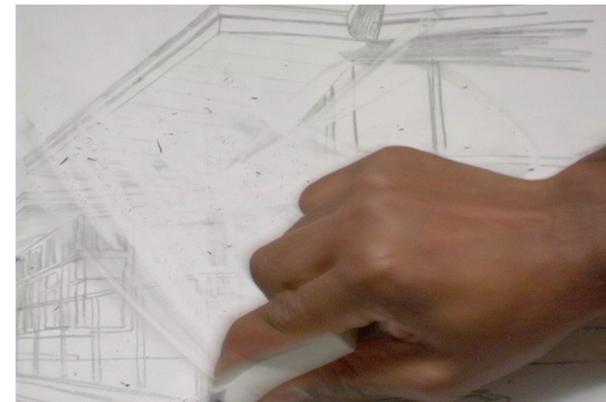
A exposição apresenta-se então como uma reflexão aberta sobre essas tensões. Se colocamos lado a lado *Leo can't change the world* e *Prefiro sim* é por justamente não saber onde fincar pé entre as duas premissas. Ou melhor, saber que é no embate entre ambas que podemos, quem sabe, encontrar um



lais myrrha -- pódio para ninguém, 2010 -- pó de cimento prensado e números de metal/pressed cement powder and metal numbers -- 80 x 210 x 70 cm



**laercio redondo** -- **restauro - lembrança de  
brasil**, 2009 -- wall-painting e samambaias/  
wall-painting and ferns -- 500 x 606 cm



**carlos bunga** -- **more space for other constructions**, 2007/2008 -- vídeo ntsc betacam transferido para dvd/ntsc betacam video transferred onto  
dvd -- 3'54"



clarissa tossin -- white marble everyday, 2009 -- vídeo HD em dois canais/two-channel HD video -- 5'42"

espaço mais próximo, mas não mais límpido, para habitar o presente. Frente a um mundo que não pode ser mudado – e que “não pesa mais que a mão de uma criança”, como Drummond, em um momento de melancolia política, disse certa vez – é ainda possível assegurar um desejo afirmativo.

E se os ícones arquitetônicos têm presença tão forte, é porque sintetizam alguns dos temas decisivos do nosso cotidiano. A arquitetura permite a exploração de uma geografia simbólica pelo que traz de manifestação emblemática das mudanças sofridas nos modos de vida das sociedades contemporâneas. As ruínas urbanas surgem como símbolos da falência de nossos projetos e de seus sonhos de transformação da realidade, mas indicam também uma superposição de tempos, entre o fracasso da utopia pretérita e a contínua expansão dos projetos do presente. Podemos construir um futuro diferente por entre as ruínas, fazer e desfazer, sonhar tendo as mesmas como bússola em um gesto que se aproxima daquilo que Benjamin chamou de “produtividade da perda”.

•

Se o que identifica o tempo contemporâneo é a falha, a incompletude, como fazer disso um trunfo, e não um lamento? Como edificar cada dia como se fosse pedra, mesmo sabendo que se trata de areia? É tendo como leme tal sabedoria, de fundo melancólico, mas não resignado, que buscamos aproximar as obras reunidas na exposição. Trata-se de uma aposta em um niilismo ativo. Entre um mundo que vocifera diária e cinicamente que está tudo dominado e o voluntarismo *naïf* que crê ser viável tudo mudar, existe um caminho do meio no qual habita uma resistência crítica. É nesse ponto delicado que situa-se *Dispositivos para um mundo (im)possível*.



Lucia Koch -- oratório, 2013 -- impressão de pigmentos sobre papel algodão, laminação fosca/pigment print on cotton paper, matte lamination -- 149 x 232 cm



**melanie smith** -- **parres 13**, 2006/2007 -- esmalte acrílico sobre acrílico/acrylic enamel on plexiglas -- 115 x 175 cm



**felipe arturo** -- **mosaico**, 2013 -- mesa metálica e cimento combinado com cacau, café, colorau, cominho, gengibre, leite de soja em pó, sal, sal marinho, açúcar refinado, instacream, fermento em pó, alho, aveia em pó, farinha de trigo, farinha de milho e farinha de rosca/metal table and cement combined with cocoa, coffee, paprika, cumin, ginger, powdered soy milk, salt, sea salt, refined sugar, instacream, baking powder, garlic, oat powder, wheat flour, corn flour and breadcrumbs -- 130 x 63 x 80 cm

## apparatuses for an (im)possible world

luisa duarte, text in collaboration with gabriel bogossian



milton machado -- cidade onde não cabe quase mais nada, 2009 -- nanquim sobre papel/india ink on paper -- 28 x 38,2 cm

*"Nothing is built upon stone, everything is upon sand; still, our duty is to build as though the sand were stone..."*

Jorge Luis Borges

In November 1989, the month the Berlin Wall came down, Leonilson made a series of drawings with the inscription 'Leo can't change the world'. Also displayed in Portuguese in other works, it said 'Leo não consegue mudar o mundo', a translation closer to the verb "might". Either way, the sentence expresses a primal artistic – and also political – helplessness.

Despite this pessimistic statement, the artist's creative gesture itself brings into question the weight of the consciousness of failure, once the permanence of the artistic act indicates that there's still something to be done.

The works gathered in this exhibition dialogue, in several ways, with this intermediate setting. Certain intellectual and cultural traditions of the country are critically approached. The modernist grid is jeopardized, just as the ensuing social practices. The city of Brasília, its main representation in the urban field, is depicted in trivial moments, in which the work barely sustains the symbolism emanated by the physical space.

Similarly, the triumphs of our cultural and political projects are here presented as the ruins that all triumphs and heroic acts are bound to; the steps in our path dissolve as we move forward – the stones turn into sand, and once again into stone. The podium is a place intended for no one.

The oldest work in the exhibition, that of Antonio Dias, presents an overview of this condition of ours. The flag,

national icon by excellence, appears as a rag, a simulacrum of its original colors and shapes. Among the national flag's mightiness and refusal, a worn version of it over a fragile support represents and sustains us.

And our lawns only have stumps. What used to be table and chairs in a dining room now become indications of a lost nature. Over the green portion of the flag – once again, the same representation – the gold and the sky become traces of a smaller domestic space, like a shattered garden.

•

Giorgio Agamben once stated that his mission was to magnify and deepen the work of Michel Foucault. The idea of apparatus, largely elaborated by Foucault on different texts, is resumed by Agamben as 'anything that somehow has the ability to capture, orient, determine, intercept, model, control, and assure the gestures, conducts, opinions, and the discourses of the living creatures.' Thus, apparatuses can be factories and schools, but also pens, cell phones, and even language itself. Apparatuses would then organize life from its tiniest elements, giving them shape, limit, stability.

Some of the works exhibited deal explicitly with the conflict existing among these methods of ordination. Critically observing the functioning of the apparatuses or even creating fictive ones, they present a violent contrast between order and chaos, constructive (ordering) ambition and dissolution.

This way, the exhibition presents itself as an open contemplation regarding these tensions. If we put *Leo can't change the world* and *Prefiro sim* [I prefer yes] side by side, is



**guido van der werve -- nummer acht:  
everything is going to be all right, 2007**

-- filme 16 mm em vídeo HD/16 mm film in HD  
vídeo -- 10'10"

precisely because we don't know where to set foot when faced with these two premises; or rather because we know that this rowdy interaction might provide a closer space, but not a clearer one, to inhabit the present. Facing a world that can't be changed – and that 'doesn't weigh more than the hand of a child,' as once said Drummond while experiencing a moment of political melancholy –, it's still possible to assure an affirmative desire

And if the architectural icons still have such a strong presence, it's because they synthesize some of the decisive issues of our daily lives. Architecture allows the exploration of a symbolic geography, for what it bears of emblematic manifestation of the changes suffered in the lifestyles of the contemporary societies. The urban ruins rise as symbols of the decay of our projects and their dreams of transforming the reality, but also indicate an overlapping of times, between the failed utopias of the past and the continuous expansion of present projects. We can make and unmake, build a different future among the ruins and have them as compass along with a gesture that draws nearer to what Benjamin used to call the 'productivity of loss.'

•

If failure and incompleteness are what identify the contemporary times, how can one turn them into a trump, and not a moan? How to build each day as if it were stone, even though it is nothing but sand? Is by having such wisdom as a rudder – with a melancholic background for sure, but devoid of resignation – that we aim to approximate the works gathered in this exhibition. It is a bet on an active nihilism. Between a world that daily and cynically utters that everything is dominated, and a naïf voluntarism that considers feasible to change everything, there is a middle road occupied by a critical resistance. It is in this very delicate spot that lie the 'apparatuses for a (im)possible world'.

**dispositivos para um mundo (im)possível**  
curadoria **luisa duarte**

roesler hotel #25

curadoria/curated by

**luisa duarte**

text em colaboração com/text in collaboration with

**gabriel bogossian**

expografia/exhibition design

**marta bogéa**

tradução/english version

**daniel luhmann**

revisão/proofreading

**gabriel bogossian**

assessoria de imprensa/press agent

**agência guanabara**

realização/produced by

**galeria nara roesler**

**abertura/opening**

15.02.2014

11 > 15h

**exposição/exhibition**

17.02 > 15.03.2014

seg/mon > sex/fri 10 > 19h

sáb/sat 11 > 15h



[capa/cover] detalhe de/detail

from **leonilson** -- **leo can't**

**change the world, 1989** --

aquarela e tinta preta sobre

papel/watercolor and black ink

on paper -- 30,5 x 21,5 x 2,5 cm

galeria

nara roesler

avenida europa 655

são paulo sp brasil

01449-001

t 55 (11) 3063 2344

f 55 (11) 3088 0593

info@nararoesler.com.br

www.nararoesler.com.br